

## **NOMEAÇÃO DO SIGNO TOPONÍMICO VITÓRIA DA CONQUISTA E(M) APONTAMENTOS DIALÓGICOS COM A LINGUÍSTICA APLICADA**

**WOSHITON CARVALHO ALMEIDA**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**CÉLIA FARIAS AGUIAR ROCHA**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

**FERNANDA DE CASTRO MODL**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

### **Resumo:**

Neste artigo, analisamos o signo toponímico ‘Vitória da Conquista’, o que fazemos com o objetivo de discursivizar sobre relações entre língua(gem), cultura(s) e identidade(s) implicados no processo lexical de nomeação de lugares. Assumindo princípios da Linguística Aplicada (LA) e de outros campos dos estudos linguísticos, ilustramos que as diferentes nomeações desse espaço geográfico agregam na e para a compreensão de discussões acerca de uma concepção sociocognitiva da linguagem. Trabalhos como o nosso contribuem para a visibilização de discussões sobre geografia linguística e intersubjetividade.

2169

**Palavras-chave:** Léxico. Linguística Aplicada. Toponímia.

### **Abstract:**

In this article, we analyze the toponymic sign ‘Vitória da Conquista’, with the aim of discussing the relationships between language(s), culture(s) and identity(ies) involved in the lexical process of naming places. Undertaking the principles from Applied Linguistics (AL) and other fields of linguistic studies, we illustrate the different names of that geographic space add to and contribute to the understanding of discussions about a socio-cognitive conception of language. Work like ours contributes to giving visibility to discussions about linguistic geography and intersubjectivity.

**Keywords:** Lexicon. Applied Linguistics. Toponymy.

### **Introdução**

Partimos do princípio de que a análise linguístico-discursiva de um topônimo remonta aspectos que podem ilustrar um olhar sociocognitivo para a linguagem, uma vez que uma nomeação pode ser entendida como uma síntese de um processo de referenciação. Esse processo resulta de fatores motivacionais subjacentes à nomeação, os quais decorrem de relações discursivas diversas que revelam tensões de poder mobilizados que se deixam presentificar linguístico e culturalmente. Em outras palavras, o processo de nomear um lugar, compreendido

**SEMINÁRIO Gepraxis, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 9, n. 10, p. 2100 - 2101, maio, 2024.**

como espaço físico, resulta de interações intersubjetivas situadas em um determinado cronotopo, figurando uma atividade social concreta. Assim, o nome de um lugar reflete não apenas aspectos linguísticos, mas também aspectos políticos, culturais e históricos e, portanto, motivações daqueles que o nomeiam/nomearam.

Partimos desse enquadre, amparando-nos na Linguística Aplicada, Onomástica e Toponímia, campos que compartilham de interesses comuns voltados para compreender a linguagem em contextos sociais e culturais específicos. Enquanto a LA se coloca como uma ciência que busca resolver problemas práticos relacionados ao uso da linguagem enquanto atividade humana (Rajagopalan, 2003), a Onomástica e a Toponímia se valem do estudo de nomes próprios, incluindo os nomes de lugares e, nessa medida, propõem uma perspectiva socialmente motivada para pensar sobre a linguagem, interessando-nos, aqui, as valorações que motiva(ra)m as nomeações das localidades. Desse modo, entre os campos de estudo mencionados, há uma convergência na busca por compreender como a linguagem é empregada em contextos específicos e como essa utilização está intrinsecamente ligada à cultura, identidade e memória de uma comunidade.

Nesse sentido, concentramo-nos em uma abordagem do topônimo do município de Vitória da Conquista, baseado em um recorte feito por Correia (2017), com o objetivo de discutir os três topônimos já atribuídos historicamente à cidade e apresentar as relações histórico-culturais subjacentes a esses nomes. Para isso, este estudo parte de duas premissas essenciais: i) uma reflexão sobre os valores históricos e culturais que levam à nomeação de uma determinada comunidade e ii) a apresentação dos topônimos do município de Vitória da Conquista - Bahia, considerando a ficha lexicográfica/toponímica proposta por Correia (2017).

### **Abordagens iniciais: um olhar contextualizado em LA**

A linguagem pode ser entrelaçada aos nomes dos lugares como um fio que tece a rica tapeçaria de culturas, histórias e identidades. Essa relação profunda se manifesta em diversos aspectos, desde a análise etimológica dos topônimos até a compreensão do impacto social e cultural de suas denominações. Desde as civilizações antigas às metrópoles modernas, os nomes dos lugares refletem a riqueza e a diversidade da experiência humana.

Nesse sentido, a Linguística Aplicada (LA), uma área que explora a linguagem em contextos práticos relacionadas à vida, às mudanças históricas, políticas e socioculturais (Moita Lopes, 2006) pode se interessar por recortes de pesquisa como o que discursivizamos aqui. Nesse sentido, “a investigação é fundamentalmente centrada no contexto (...) onde as pessoas  
**seminário Gepraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2168 - 2181, maio, 2024.

vivem e agem, deve considerar a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam" (Moita Lopes, 2006, p. 21).

Nesse sentido, a LA, com sua vocação transdisciplinar (Moita Lopes, 2006) soma para a compreensão de topônimos, afinal, os nomes dos lugares não são meros rótulos, eles, via referência, sintetizam memórias, histórias e refletem transformações pelas quais as comunidades passa(ra)m ao longo do tempo.

Nessa direção, Rajagopalan, em uma entrevista, propõe uma reflexão sobre a linguagem enquanto vivência contextualizada, algo que está para além da língua. Para ele, “a linguagem é o nosso modo de lidar com as nossas circunstâncias, a nossa sociedade, a nossa inserção dentro da sociedade” (Silva *et al*, 2011, p. 76). Por meio da linguagem, damos sentido ao mundo, construímos relações, expressamos valores e nos posicionamos axiologicamente na história. Nessa perspectiva, os topônimos assumem um papel importante como reveladores da ação humana de nomeação no e do mundo. Eles carregam em si traços diversos de uma comunidade, moldados por relações sociais e de poder que se entretecem em cada espaço.

### **Influências na nomeação de lugares: relações entre língua(s), cultura(s) e identidade(s)**

2171

Iniciamos esta seção, questionando-nos: quais aspectos influenciam para que um determinado lugar seja nomeado como tal? O ato de nomear não ocorre de maneira arbitrária, disso decorre, a nosso ver, a vitalidade da observação de como as relações sociais em determinado contexto exercem poder e como esse poder se deixa materializar em valorações.

O ato de nomear transcende a mera análise linguística do léxico, uma vez que categorias não são entidades fechadas, pelo contrário o mundo não está pronto para ser discretizado pelo léxico (Marcuschi, 2004). Entender um processo de nomeação de um local implica reconhecer relações diversas e complementares.

O léxico vai além de um simples conjunto de palavras; na onomástica, por exemplo, sua definição é ampliada. Conforme Antunes (2012, p. 27-28), o léxico não pode ser pensando de modo isolado, já que:

A linguagem intermedeia nossa relação com o mundo. [...] essa relação se dá entre as categorias cognitivas que construímos das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de qua a língua vai dispor para expressar tais categorias. Quer dizer, as palavras são ‘a representação linguística’ dessas categorias cognitivas que construímos e armazenamos [...]. O léxico corresponde, assim, ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas.

Para o autor, a linguagem atua como uma atividade social que reflete a relação entre a experiência do ser humano e a sua expressão verbal. Os eventos sociais são moldados pelas categorias cognitivas e a linguagem é o meio que possibilita expressar essas categorias construídas e armazenadas, especialmente, através do léxico que constituem o inventário linguístico pelo qual se admite dizer que o ser humano “constrói sua experiência social com grupos e culturas de que participa” (Antunes, 2012, p. 28). Portanto, o léxico tem um papel importante na expressão de nossa compreensão do mundo e na mediação de nossas percepções e experiências através da linguagem.

De acordo com Biderman (2001, p. 12), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. Desta feita, o léxico não é estático, mas dinâmico, sendo constantemente enriquecido por novas palavras e expressões à medida que a sociedade se transforma e novas experiências são vivenciadas. Essas palavras são utilizadas para descrever e compreender o mundo ao nosso redor, trazendo cargas semânticas e culturais únicas, moldadas pelas experiências e valores. Nesse sentido, como assevera Sapir (1961, p. 24)

O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado.

2172

Língua e cultura estão intrinsecamente ligadas e o léxico é um componente essencial de ambas, como a concepção de cultura de Geertz (2008, p. 4) sintetiza:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; Portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Para o sociólogo, a cultura é multifacetada. Geertz busca investigar a cultura sob uma ótica semiótica (hermenêutica), visando compreendê-la como comportamentos humanos, eventos sociais, instituições e representações individuais e coletivas. Para o antropólogo, a cultura se manifesta de um modo diversificado, levando-se em consideração os sujeitos culturais, o que eles pensam, como vivem, o que sentem, falam e interpretam.

Assim, a nomeação de um lugar é um ato profundamente enraizado na cultura de uma comunidade. Quando se analisa o léxico e sua relação com o meio social, percebemos que o ato de nomear um local é motivado por essa teia cultural. Ao estudar escolhas lexicais, estamos engajando-nos em uma análise interpretativa da cultura, buscando desvendar os significados subjacentes aos nomes dados aos lugares e compreender como eles refletem e moldam as percepções e identidades das comunidades que os habitam.

Ao abordar o conceito de identidade, o léxico igualmente espelha a identidade cultural de uma comunidade. Identidade(s) não são fixas ou estáticas, “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (Hall, 2006, p. 39).

Dessa forma, ao se afirmar que o léxico de uma língua espelha a identidade cultural de uma comunidade, infere-se que, por meio do léxico, é possível identificar elementos da cultura, como crenças e práticas que vão constituir a identidade individual e coletiva de um grupo específico. Assim, essa relação é uma via de mão dupla, já que o processo de transformação da(s) identidade(s) ao longo do tempo também é refletida no léxico, que evolui para agregar novas influências e experiências culturais.

Portanto, na onomástica, os signos representam uma fonte de estudo da língua e sua relação com o patrimônio cultural de uma sociedade, como salienta Biderman (2001). A toponímia analisa os nomes de lugares, estabelecendo características que estão intrinsecamente ligadas a aspectos socioculturais, geográficos e históricos. Assim, os designativos de um local são motivados semanticamente e refletem os valores, as relações de poder e/ou influências da comunidade.

### **Toponímia e o ato de nomeação**

De acordo com Correia (2017, p. 26), “o ato de atribuir nomes é abordado no campo de estudo da Onomástica, uma área da Lexicologia dedicada às lexias que individualizam seres (Antroponímia) e lugares (Toponímia)”, ambas sendo relevantes para a investigação da língua e sua interação com a cultura de uma comunidade, já que o ato de nomear é parte integrante da identidade linguística de um povo e carrega significados que vão além de sua função puramente referencial.

A Lexicologia, por sua vez, “é a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante” (Orsi, 2012, p. 164). Ela atua no âmbito da formação de palavras e da etimologia, relacionando-se a estudos fonético-

**Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2168 - 2181, maio, 2024.

fonológicos, morfológicos, sintáticos, pragmáticos, discursivos e semânticos. Seu objeto de análise é o léxico e é dele que podemos conhecer a história, os costumes e os hábitos de um povo, portanto, não é possível analisá-lo isoladamente de sua feição social.

Segundo Dick (1998, p. 99), “tanto na Toponímia quanto na Antroponímia, ou seja, na Onomástica em geral, ocorrem os interditos de marcas, cujas causas têm origem nos próprios costumes e hábitos do grupo, refletindo a visão macro de sua cultura”. Na perspectiva da autora, a nomeação se assenta a partir de marcadores, essencialmente, ideológicos, “frutos da mentalidade dominante que costumam recobrir características que remetem a homenagens por vezes servis” (*Ibid.*, p. 99). Certamente, isso sugere que, mais uma vez, estudiosos do campo, como Dick, afirmam que na prática universalista do ato denominativo nada é aleatório, mas motivado por fatores que, por vezes, podem ser condizentes com a realidade do ato nominativo ou, por vezes, se colocar de modo distante para agradar as políticas de gabinetes, quando se elege homenagens ou cultos à personalidade de um indivíduo que nada representa na história local.

Nesse sentido, o processo de nomear um lugar é influenciado por todas as relações presentes na língua:

Para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais, de modo a constituir, como diz Foucault (1995:153), quase “uma linguagem segunda a partir dessa linguagem primeira” (Dick, 1998, p. 101).

Posteriormente, são seguidos todos os outros passos. Ao ingressar no campo da onomástica, a palavra adquire uma nova configuração, transitando de sua forma lexical para sua forma onomástica. Essa transição ocorre do campo icônico para o campo axiológico das relações semióticas, resultando na formação de uma cadeia sintagmática na qual um signo se relaciona com outro e assim por diante, formando um discurso, um conjunto ou um sistema de significados, uma estrutura que é reavivada a cada referência a ela (Dick, 1998).

Nos estudos onomásticos, os signos toponímicos representam importantes marcas identitárias e culturais de uma comunidade. Inicialmente, esse processo transitou entre a arbitrariedade e a motivação, conforme observado nos primeiros estudos postulados por Saussure. Segundo Correia (2017, p. 27), “toda entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado”, o que justificou a arbitrariedade como causa motivadora da origem dos signos. Entretanto, nos estudos toponímicos, foi percebido que o ato de nomear era essencialmente motivado, “ainda que em termos de língua o signo selecionado seja um

**Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2168 - 2181, maio, 2024.**

designativo vocabular comum e arbitrário, a funcionalidade de seu uso como designativo toponímico transforma-o, no ato do batismo, em essencialmente motivado” (Correia, 2017, p. 28).

Isso implica dizer que, nos estudos toponímicos, os signos revelam características que podem estar relacionadas a importantes aspectos motivacionais, como valores sociais, políticos, culturais, geográficos, históricos, religiosos, advindos, também, de influências etimológicas, semânticas, dentre outras. Os signos, no mundo da linguagem, representam um mosaico de possibilidades em função de sua natureza multifacetada, pois cada signo linguístico pode evocar uma gama diversificada de significados, contextos e interpretações, dependendo do contexto em que é utilizado e das interações a partir dele e por meio dele vivenciadas.

### **Ficha lexicográfica/toponímica do município de Vitória da Conquista - BA: um recorte histórico e analítico do município.**

Figura 1 - Localização do município de Vitória da Conquista - BA



Fonte: Wikipedia, 2022.

Vitória da Conquista é um município localizado no estado da Bahia, distante aproximadamente 509 km da capital Salvador. A cidade possui diversas vias de acesso, incluindo a BR-116, BA-262, BA-263 e BA-265. Pertence à mesorregião Centro-sul e à região econômica do Sudoeste. Com uma superfície de 3.204,5 km<sup>2</sup>, Vitória da Conquista é composta por vários distritos em seu entorno, fazendo fronteira com outras cidades, como Cândido Sales, Belo Campo, Anagé, Planalto, Barra do Choça, Itambé, Ribeirão do Largo e Encruzilhada. Com altitude de 923 metros, está situada em um relevo de planalto, abrangendo os biomas da Caatinga e Mata Atlântica. A cidade é banhada pelas bacias hidrográficas do Rio Pardo e do

Rio de Contas. O clima é classificado como subúmido a seco, com temperatura média de 20°C (IBGE, 2022).

A história do território atualmente denominado Vitória da Conquista, de acordo com os registros históricos divulgados no site oficial da Prefeitura Municipal, transcende sua mera geografia, adentrando o âmbito memorialístico ao ecoar as vozes daqueles que desempenharam um papel crucial em sua construção histórica. Estamos nos referindo aos primeiros habitantes: os povos indígenas Mongoyó, Ymboré e Pataxó, todos pertencentes ao tronco Macro-Jê. Esses grupos, embora tenham travado conflitos territoriais entre si, não direcionaram suas lutas à questão da propriedade da terra, mas sim à própria sobrevivência. O termo “Sertão da Ressaca”, que nomeia a extensa faixa territorial onde os aldeamentos se espalhavam, possivelmente origina-se tanto do fenômeno das águas dos rios sobre o sertão quanto da palavra "ressaco", que descreve uma baía de mato baixo circundada por serras.

A narrativa memorialística de Vitória da Conquista está intrinsecamente relacionada à exploração mineral, especialmente do ouro, e à estratégia de ocupação territorial. Um dos protagonistas desse processo foi o bandeirante português João Gonçalves da Costa, nascido em Chaves por volta de 1720. Ele, conhecido por seu nobre poder de conquistador violento e dizimador de aldeias indígenas, procurava novos locais de exploração mineral até que alcançou o território onde hoje se situa Vitória da Conquista. Embora sua busca por ouro tenha sido infrutífera, ele estabeleceu-se na região e fundou o arraial da Conquista.

João Gonçalves, conhecido como um “preto forro” nos documentos históricos locais, representa um exemplo vívido de ascensão social entre os sujeitos escravizados. Sua lealdade e bravura ao servir à Coroa Portuguesa garantiram-lhe um reconhecimento que o libertou da condição de escravização. Sua filiação a figuras influentes conferiu-lhe não apenas liberdade, mas também responsabilidades, levando-o a desempenhar um papel fundamental na exploração e ocupação do território.

A história de Vitória da Conquista reflete um período marcado por conflitos entre os povos indígenas locais e o colonizador representado por João Gonçalves. Esses confrontos resultaram na derrota dos indígenas, revelando um cenário de violência e brutalidade, como testemunhado pelos Ymboré e Pataxó, que resistiram bravamente à invasão estrangeira, mas foram escravizados e forçados a se refugiar em outras regiões. Em contrapartida, os Mongoyó, buscando garantir sua própria sobrevivência, estabeleceram alianças com os colonizadores, mas acabaram sendo traídos. Um evento que marca esse momento foi denominado de o “Banquete da Morte”, uma emboscada fatal aos Mongoyó promovida pelos colonizadores, que se estendeu até o século XIX e é lembrada por suas ações brutais, fatídicas de um povo que foi sucumbido.

**Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2168 - 2181, maio, 2024.

Para os propósitos deste artigo, o recorte histórico da atual cidade de Vitória da Conquista pode ser dividido em alguns períodos significativos. Entre 1750 e 1780, observa-se um período de turbulência que marca a fundação do arraial da Conquista, além do início do desenvolvimento socioeconômico, político e cultural. A elevação do arraial à categoria de vila e freguesia ocorreu apenas em 1840, por meio da Lei Provincial Nº 124, de 19 de maio, momento que também se caracterizou pelo desmembramento da cidade de Caetitê. A emancipação política aconteceu em 1891, através de um ato datado de 1º de julho, quando a Vila Imperial da Vitória foi elevada à categoria de cidade, adotando o nome de Conquista. Por fim, em dezembro de 1943, mediante a Lei Estadual Nº 141, o nome do município foi alterado para Vitória da Conquista.

Nesse sentido, a significativa memória histórica do município ainda pode ser vista conforme os dados obtidos da pesquisa de Correia (2017, p. 135), que evidenciam um recorte analítico das informações referentes aos aspectos etimológicos, morfológicos, motivacionais, históricos e culturais dos topônimos que compõem o município de Vitória da Conquista. Para a autora, identificam-se os designativos da comunidade, levando-se em consideração as influências socioculturais e políticas ao longo da história, como se segue.

Quadro 1 - Ficha lexicográfica do município de Vitória da Conquista - BA

<b>(136) TOPÔNIMO:</b>	<b>Vitória da Conquista</b>	<b>TAXIONOMIA:</b>	<b>Animotopônimo</b>
<b>ACIDENTE:</b>	Humano/município		
<b>LOCALIZAÇÃO:</b>	TI 20		
<b>ORIGEM:</b>	Portuguesa. <b>VITÓRIA</b> , do lat. <i>victōria</i> , ‘triunfo, bom êxito, sucesso’; <b>CONQUISTA</b> , substantivação da forma verbal do lat. <i>conquerer</i> ‘submeter pela força, vencer’ (CUNHA, 2013).		
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b>	Elemento específico composto		
<b>HISTÓRICO:</b>	Vitória da Conquista < Conquista < Vitória <b>Animotopônimo</b> < <b>animotopônimo</b> < <b>animotopônimo</b>		

**INFORMAÇÕES  
ENCICLOPÉDICAS:**

As origens do município estão ligadas ao esforço da administração colonial em estabelecer comunicações entre a zona litorânea e o sertão. Ao contrário do que sucedera à zona do litoral norte, a faixa costeira que corre ao sul da Baía de Todos os Santos permaneceu, até meados do século XVIII, completamente isolada do interior, até que, pelo ano de 1752, os bandeirantes obtiveram permissão do rei para guerrear os indígenas, a fim de evitar os constantes ataques às nascentes povoações. Em 1783, foi erguida uma capela dedicada a Nossa Senhora das Vitórias, no local do último combate; ali surgiu a primeira aglomeração humana, que depois se tornou distrito de *Vitória*, subordinado ao município de Caetité. Pela lei provincial n. 124, de 19-05-1840, foi elevado à categoria de vila, desmembrado de Caetité, e elevado à condição de cidade com a denominação de *Conquista*, por ato de 01-07-1891. Pelo decreto-lei estadual n. 141, de 31-12-1943, retificado pelo decreto estadual n. 12.978, de 01-06-1944, o município tomou a denominação de *Vitória da Conquista*, em celebração à vitória do colonizador sobre os índios mongoiós e imborés, que, durante muitos anos, defenderam suas terras contra a invasão (IBGE, 1958, v. XXI).

Fonte: Correia, 2017.

### **Considerações Finais**

Ao alcançarmos este ponto em que tecemos estas palavras inconclusivas após termos apresentado um recorte lexicográfico/toponímico do município de Vitória da Conquista-BA, ancorando-nos em dado de Correia (2017), buscamos, mesmo que sumariamente, visibilizar a amplitude e, ao mesmo tempo, força de reflexões sobre léxico. Mesmo ao restringirmos nosso foco ao máximo, percebemos que um mosaico de ideias ainda persiste. Tal constatação decorre também da ampla abrangência das definições sobre língua(gem), identidade(s) e cultura(s) e da força mobilizadora e referencial desses conceitos.

A discussão sobre léxico, como até aqui buscamos textualizar, revela-se como um vasto campo de análise, tendo nossa abordagem figurado como uma ilustração de que o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social, já que léxicos abarcam raízes culturais, históricas e sociais, revelando-se, em nosso entendimento, um trabalho discursivo que pode contribuir para um enquadre e, portando, uma abordagem sempre crítica e reflexiva da linguagem e da sociedade.

Nesse sentido, ao contemplar a LA como uma ciência que olha para os problemas sociais, partimos da premissa que ela oferece uma lente transdisciplinar relevante para examinar a relação entre léxico(s), identidade(s) e cultura(s).

Por meio da dialogização com a LA é possível traçarmos caminhos analíticos em que processos de designação dos nomes sejam atrelados às motivações políticas e ideológicas subjacentes. O ato de atribuir nomes não ocorre de maneira aleatória, mas sim em contextos

concretos de interação, sendo fundamentalmente motivado. Portanto, está vinculado à construção e negociação de significados e, ainda que se tente examinar os signos de maneira isolada, é imperativo reconhecê-los como parte integrante da realidade e dos indivíduos que os utilizam e os atualizam por meio de processos de referenciação.

Até aqui, ao evidenciarmos a ficha lexicográfica/toponímica do município de Vitória da Conquista- BA, por meio de um recorte histórico e analítico do município, foi possível perceber e lidar com *insights* para dialogizar com indícios de forças políticas, relações de poder, exclusão e violência.

Como pudemos inferir a partir da história do município de Vitória da Conquista, ela reflete uma narrativa típica do Brasil, onde se manifesta a influência da cultura hegemônica que, em detrimento dos interesses de poucos, altera a(s) identidade(s) daqueles que lá estavam originalmente. Considerando que o território do município foi predominantemente habitado por povos indígenas, é evidente que o nome designativo da cidade deveria refletir essa realidade e não especificamente “Vitória da Conquista”. Entretanto, a mudança do nome ao longo do tempo, conforme Correia (2017) demonstra, está relacionada aos conflitos entre os povos indígenas locais e o colonizador, representado por João Gonçalves. Dessa forma, a transição dos topônimos (de Vitória para Conquista e, por fim, Vitória da Conquista) reflete a vitória e a conquista do colonizador sobre os povos que ali habitavam e a tomada violenta das terras para exploração. No entanto, é importante reconhecer que o nome também carrega consigo a resistência daqueles que tiveram suas vidas interrompidas e suas histórias usurpadas. Portanto, podemos concluir que os nomes não são escolhidos aleatoriamente, são motivados por forças políticas, históricas e culturais específicas.

## Referências

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: EFMS, 2001. p. 13-22.

CORREIA, Clese Mary Prudente. **Bahia de todos os cantos e recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia**. f. 246. il. 2017. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Humanas – Campus I, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

DICK, M. V. P. A.. **Os nomes como marcadores ideológicos**. In: Acta Semiótica et Lingüística - SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística). São Paulo: Plêiade, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição? In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). **Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada e vida mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L.P da (Org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-105.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras. In: GONÇALVES, Adair V.; GÓIS, Mário L. S (Orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Vol. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 163-177.

PREFEITURA Municipal de Vitória da Conquista – **Site Oficial da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista** – BA. 2012. Primeiros habitantes. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/primeiros-habitantes/> Acesso em 14 abr. 2024.

2180

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: **Linguística como ciência**. Ensaios. Tradução: Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SILVA, Kleber Aparecido da; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; JUSTINA, Olandina Della. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre Linguística Aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. **Revista de Letras Norte@mentos**, [S. l.], v. 4, n. 8, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/6778>. Acesso em: 14 abr. 2024.

VITÓRIA DA CONQUISTA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria\\_da\\_Conquista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista). Acesso em 14 Abr. 2024.

Autor 1:



tória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2168 - 2181, maio, 2024.

Woshiton Carvalho Almeida  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bolsista FAPESB, graduado em Letras Vernáculas pela mesma instituição no ano de 2022.

Email: [woshialmeida@gmail.com](mailto:woshialmeida@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0895317746462314>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1513-1770>

Autor 2:



Célia Farias Aguiar Rocha

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2004. Professora efetiva da rede estadual da Bahia.

Email: [celiaemari@gmail.com](mailto:celiaemari@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6283824562930017>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-5796-689X>

2181

Autor 3:



Fernanda de Castro Modl

Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), Linha de pesquisa Linguística Aplicada e Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), Área de Metodologia e Prática de Ensino (AMPE).

Email: [fernanda.modl@uesb.edu.br](mailto:fernanda.modl@uesb.edu.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5946276582937760>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6572-4084>